



Laboreal

Volume 11 Nº2 | 2015
Varia

Intervenção no XI Congresso Internacional de Psicotécnica

Intervención en el XI Congreso Internacional de Psicotécnica

Intervention au XIème Congrès International de Psychotechnique

Speech at the Eleventh International Congress of Psychotechnics

Georges Friedmann



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/laboreal/3782>

DOI: 10.4000/laboreal.3782

ISSN: 1646-5237

Editora

Universidade do Porto

Refêrencia eletrónica

Georges Friedmann, « Intervenção no XI Congresso Internacional de Psicotécnica », *Laboreal* [Online], Volume 11 Nº2 | 2015, posto online no dia 01 dezembro 2015, consultado o 24 setembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/laboreal/3782> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/laboreal.3782>

Este documento foi criado de forma automática no dia 24 setembro 2020.



Laboreal está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

Intervenção no XI Congresso Internacional de Psicotécnica

Intervención en el XI Congreso Internacional de Psicotécnica

Intervention au XIème Congrès International de Psychotechnique

Speech at the Eleventh International Congress of Psychotechnics

Georges Friedmann

REFERÊNCIA

Texto original:

Friedmann, G. (1954). *Intervention au XIème Congrès International de Psychotechnique (Psychologie appliquée)*, Section de psychologie du travail, Paris, 1953. *Le Travail Humain*, 17, 1-2, 39-40.

- 1 O Dr. Frisby sublinhou justamente, na conferência do Prof. Hearnshaw, que a obrigação, a imposição e a disciplina constituem a essência do trabalho, podendo este último ser definido, em última análise, como uma atividade em que intervém um elemento de imposição. Existe, evidentemente, uma grande variedade de imposições e não resulta automaticamente que uma atividade exercida nessas condições não possa comportar diversas formas de satisfação. Espero que a discussão permita retomar este assunto e, pela parte que me toca, salientarei na exposição do Sr. Hearnshaw, juntamente com alguns comentários, os seguintes pontos:
- 2 1.º É consensual que a concepção de uma psicologia industrial, que seria uma simples utilização de técnicas «aplicadas» à vida económica e, em especial, à vida industrial, é exígua e limitadora. Há que salientar que as ciências do homem, que constituem as mais recentes, suscitaram analogias erradas com as ciências psicomatemáticas. Existiria uma psicologia aplicada à vida industrial, derivada da psicologia teórica, como existe, em relação à teoria física, uma termodinâmica e uma mecânica aplicadas, ou uma eletricidade industrial: concepção que, de resto, implica uma dicotomia arbitrária entre

a teoria e a prática. Saliente-se, a este respeito, as confusões geradas pelo próprio termo «psicotécnica», que foi objeto de discussão no Congresso de Göteborg.

- 3 Para o Sr. Hearnshaw, que rejeita esta conceção, a psicologia industrial é uma ciência onde distingue 3 aspetos:
 - a. Um conjunto de fins e de princípios;
 - b. Um conjunto de conceitos teóricos;
 - c. Um corpo de técnicas.
- 4 Mas esta própria divisão, e talvez Sr. Hearnshaw pudesse salientá-lo, é didática e um pouco artificial no sentido de que a aplicação das técnicas, o respetivo desenvolvimento, a sua comprovação através da experiência repercutem-se constantemente nos conceitos teóricos, modelam-nos e modificam-nos numa incessante ação recíproca. Facto que J. M. LAHY muito bem expressou num artigo notável sobre higiene mental (*Hygiène mentale*) (dezembro de 1932), quando escreveu: «A psicologia aplicada ou psicotécnica não é senão a psicologia científica geral. Não só esta não difere da psicologia teórica, mas, fruto desta, ultrapassa-a, transforma-a e vai substituí-la como o produto da sua evolução necessária, como uma síntese da teoria com uma nova prática.»
- 5 2.º A psicologia industrial não pode ser uma coleção de aplicações e tal, no nosso entender, sobretudo porque o trabalho é uma realidade original, global, *una*, que não pode ser avaliada, absorvida, compreendida por pretensas «aplicações», dispersas de uma ciência «pura». Há que insistir aqui no caráter uno e complexo dos conteúdos do trabalho.
- 6 Independentemente da tarefa, observada concretamente nas oficinas, escritórios, estaleiros, na agricultura moderna, esta apresenta-se sob 5 aspetos ou características principais: técnica, fisiológica, psicológica, social e económica. Cada um destes aspetos expressa a mesma realidade vista sob diferentes ângulos e em toda a sua riqueza de conteúdo. As reações mentais de um operário, Paul, numa determinada oficina, no conjunto das suas tarefas quotidianas e, inversamente, o seu esforço para modelá-las de acordo com as suas características pessoais revelam, a propósito do que se convencionou denominar «aptidões», «dedicação laboral», «satisfação» ou «insatisfação» que não existe, indubitavelmente, um único problema relativo ao trabalho humano que seja meramente psicológico.
- 7 Explicam-se, desta forma, a relatividade e também determinadas deceções e erros do método dos testes que foi frequentemente aplicado na indústria ao longo dos últimos vinte anos. Explicam-se também, assim, a relatividade e as decepções de vários estudos que visavam compreender os fenómenos do «tédio», da «monotonia», e mesmo a «fadiga», fenómenos que suscitam também, evidentemente, condições técnicas, económicas e sociais. As investigações em matéria de sociologia industrial confrontam-nos permanentemente com a inter-relação dos diversos aspetos do trabalho e revelam a necessidade de uma colaboração estreita de equipas de investigadores pertencentes às várias ciências dedicadas ao trabalho humano.
- 8 Por conseguinte, garantem-nos que qualquer «política da produtividade» que ignorava ou negligenciava esta inter-relação seja, mais tarde ou mais cedo, condenada ao fracasso. Permitam-me acrescentar, concordando com a Sra. PACAUD, que ela não merecia a colaboração de psicólogos industriais preocupados em não comprometer a

respetiva atividade ao serviço de interesses particulares e de mantê-la num campo científico.